Efeitos adversos das Tecnologias Computacionais e o limite para o uso abusivo: estratégias de enfrentamento de alunos, pais e professores

Adverse effects of Computational Technologies and the limit for the abusive utilization: students, parents and teachers confronting strategies

Luiz Carlos Brant[1]
Solange Cervinho Bicalho Godoy[2]
Eliane Marina Palhares Guimarães[3]
Letícia Jordão Garcia[4]

[1] Docente da Universidade Federal de Minas Gerais brant.ufmg@gmail.com

[2] Docente da Universidade Federal de Minas Gerais

[3] Docente da Universidade Federal de Minas Gerais

[4] Graduanda em Gestão de Serviços de Saúde Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Na Universidade, os efeitos adversos do uso das Tecnologias Informacionais e Computacionais (TICs) constituem temas de disciplinas, pesquisas, seminários e trabalhos de conclusão de cursos. Na sociedade, as TICs têm se tornado matéria da mídia, transparecendo um ambíguo imaginário social de endeusamento e demonização. Este artigo tem como objetivo problematizar a inserção das TICs nas relações entre professores, pais e alunos em uma escola da rede pública. Para tal, visa socializar o desenvolvimento do Projeto de Extensão Universitária "Efeitos Adversos das Tecnologias Informacionais e Computacionais". Metodologicamente, foram realizadas Oficinas com pais, professores e alunos entre 2013 e 2015, problematizando o abuso na utilização das TICs e construindo estratégias para o seu enfrentamento tendo como base as narrativas dos participantes. Constatamos que perda auditiva, insônia, isolamento social, dificuldade de memorização constituem alguns efeitos indesejáveis. Concluímos, assim, que as TICs são conquistas contemporâneas cuja adequada utilização exige discussões com participação popular sob a forma de projetos de extensão.
Palavras chave: Tecnologias Computacionais. Efeitos Adversos. Dependência tecnológica.

ABSTRACT: *The adverse effects of Informational and Computer Technology (ICT) are often addressed as topics of disciplines, researches, seminars and course conclusion papers at the university. In society, ICTs have increasingly become subject of discussion in the media, which enabled the identification of a rather ambiguous social imagery of the matter, both appreciative and condemning. This article aims to discuss the insertion of ICTs as a tool of improvement of the relationships between teachers, parents and students of a public school by socializing the development of the University Extension Project "Adverse Effects of Informational and Computer Technologies". The project's methodology consisted on the implementation of workshops with parents, teachers and students between 2013 and 2015, with the purpose of questioning the abuse of ICTs to help building strategies to face the problem from the participants' narratives and experiences. It was found that hearing loss, insomnia, social isolation and memorization difficulties are some undesirable effects. As a conclusion, ICTs can be considered contemporary achievements whose proper utilization requires further discussions involving popular participation in university extension projects.*
Keywords: *Computer technologies. Adverse effects. Technological dependence.*

1. Introdução

Relatar as circunstâncias experienciadas no desenvolvimento de um projeto de extensão universitária constitui nosso maior desafio. Entendemos por experiência alguma coisa da qual saímos transformados, de acordo com Foucault (1978). Para tal, um dobramento – aquilo que anula o tempo cronológico, que dissolve os depoimentos – "desbarata a dialética e a verdade, abole o sujeito e faz soçobrar uma ordem", como nos ensina Pelbart (1989, p. 177), fazia-se necessário. Desdobrar impunha o abandono das certezas cristalizadas que geralmente sustentam as produções científicas, particularmente aquelas forjadas na Academia.

Se há muito procurávamos nos libertar da retórica do conhecimento *regulação*, tão pouco buscávamos o saber *emancipação*. Desta forma, optamos por um relato de experiência que, centrado na narrativa, se retirava e nos colocava novamente no acontecimento vivido. Apostávamos, assim, nas produções capazes de abarcar um "nós, local e temporal" (RORTY, 2002). A presença de universitários e de participantes da comunidade externa se fazia evidente também nas perguntas pelo lugar de realização das Oficinas. Em meio ao burburinho, uma pergunta: em qual prédio acontecerá a Oficina? Estava ali a professora convidada para coordenar uma atividade, já prestes a iniciar-se.

Caminhávamos entre árvores e automóveis estacionados; o olhar da convidada ora dirigia para cima ora para baixo, e exclamou: "Que bela trama rizomática!". No chão, as raízes secundárias, cobriam um espaço em torno de troncos, unidos em uma teia de ondulações expostas e superpostas em diferentes planos. "Os rizomas constituem excelentes metáforas para as ações de extensão e para pensar a utilização das Tecnologias Informacionais", concluiu a convidada.

As inovações tecnológicas produzem grandes mudanças culturais, avanços na produção do conhecimento e transforma o cotidiano dos usuários. Contribui ainda significativamente para a formulação e a socialização de políticas públicas nos âmbitos da educação e saúde. O uso de novas tecnologias nesses campos envolve uma diversidade de atores sociais. Desde as últimas décadas do século passado, problemas relacionados à utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm se tornado desafios para profissionais da saúde e da educação.

Na Universidade, os efeitos adversos das TICs constituem temas de discussão de disciplinas, objeto de pesquisas, seminários e de trabalhos de conclusão de cursos. No âmbito da sociedade, as TICs vêm constituindo-se, nos últimos anos, temas de matéria da mídia de modo geral. Polêmicas, certezas e dúvidas deixam transparecer um imaginário social de endeusamento e demonização. "Qual o tempo médio que um adolescente pode ficar conectado à internet?" "As redes de relacionamento favorecem a socialização?". Embora seja grande, o investimento na produção do conhecimento ainda é insuficiente (DORNELLES, 2005). Seria onipotência acreditar que apenas a ciência seria capaz de apontar saídas. A única certeza, independentemente de um imaginário para o bem e para o mal, é a prevalência da angústia e o desejo de aprender a lidar com o uso abusivo das Tecnologias Computacionais.

Foi com base na análise desse contexto que se formou um grupo composto de docentes das áreas da saúde e da educação; universitários e bolsistas para a elaboração do evento de extensão "Efeitos Adversos das Tecnologias Informacionais e Computacionais", com o objetivo de abordar tais questões. Abrir espaço para a participação de pessoas da comunidade tem por objetivo a construção coletiva de saberes valendo-se da experiência cotidiana, tornando-os co-gestores do projeto.

2. Referencial Teórico

As TICs caracterizam-se por horizontalizar e acelerar a veiculação de informações por meio da digitalização e da formação de redes, facilitando a transmissão e a captação entre os atores do processo comunicativo. Apresentam-se, portanto, como um sistema de ampliação das realidades por meio

do potencial virtual democrático, disperso, interativo e inacabado (LEVY, 2003).

As TICs operam um processo de desterritorialização e reterritorialização, modificando, assim, a concepção de localidade e as relações de forças institucionais e interpessoais. Nas esferas da família e da escola, esse processo implica a abertura de linhas de interatividade entre docentes, pais e alunos – na melhor das hipóteses –, já que há uma tendência crescente dessa interação centrar-se apenas entre os discentes. Essas linhas podem seguir paralelamente ou se encontrarem, estabelecendo conexões organizadas em torno de interesses ou finalidades comuns. Nessa perspectiva, não se configuram apenas como rede, uma vez que, ao longo do tempo, elas não se prendem a esquemas, unidades, pontos ou eixos previamente estabelecidos; estariam, portanto, mais próximas da noção de rizoma, na perspectiva de Deleuze e Guattari, (1995).

A utilização das TICs na educação e o crescente número de conexões, as mudanças abruptas de rumos e a urdidura de complexos atrelamentos permitem caracterizar o seu uso como rizoma. Com uma lógica de multiplicidades e de transformações crescentes, segundo o número de conexões transversais, aumenta seu território de abrangência.

A reterritorialização nas TICs permite aos usuários situar-se em territórios – ampliados, caleidoscópicos – que abarcam o sentido de espaço vivido, não apenas geográfico, expandindo, assim, o conceito de localidade e abrindo possibilidades para a "experiência do fora" (LEVY, 2003). Entendemos a localidade não apenas como território em si, mas o território-processo ou o território utilizado (PAIM, 2006). Nesse sentido, localidade é uma dimensão, uma instância que leva em conta a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que abarca a natureza e o seu uso, incluindo ações humanas como trabalho e política. Portanto, as TICs articulam diferentes atores destinando a todos o lugar de protagonismo.

Nessa perspectiva, em qualquer lugar onde se encontrem, docentes, pais e alunos não estão isolados diante de uma tela, como alguns imaginam. As TICs impõem uma nova ordem espacial (ciberespaço) na escola e na família. Cada um, conectado, pode interagir com a totalidade sociotécnica, permitindo problematizações e respostas sobre esse todo. Essas mudanças – grandes ou pequenas, rápidas ou lentas, próximas ou distantes – são dirigidas para outros usuários conectados, configurando uma comunidade discursiva sem fronteiras. Dessa forma, as TICs "participam de uma topologia eletrônica na qual o enquadramento do ponto de vista e a trama da imagem digital renovam a noção de setor urbano" (VIRILIO, 2005, p. 10).

As TICs têm capacidade para conectar múltiplos usuários e diferentes instituições. Forja novas práticas discursivas e contribui para a produção de outras subjetividades, construindo, desconstruindo e reconstruindo o *setting* escolar e familiar em seu cotidiano. Nesse cenário, o presente artigo tem por objetivo problematizar a inserção das TICs nas relações entre professores, pais e alunos de uma escola da rede pública. Compreendemos que essas tecnologias trazem inúmeros benefícios – abrir espaço para o pensamento crítico – e são capazes também de proporcionar alienação, consumismo e adoecimento.

Essa ação possibilitou socializar, sob forma narrativa, a experiência do trabalho com as Oficinas realizadas em uma instituição pública federal, situada em metrópole da Região Sudeste do Brasil, no período de 2013 a 2015.

3. Metodologia

As Oficinas realizadas semestralmente entre 2013 e 2015 contemplaram a problematização do uso abusivo das TICs experienciadas por pais, professores e alunos no âmbito da família e da escola. A primeira teve como participantes, além dos acadêmicos, 31 professores do ensino médio. Na segunda, incluímos pais de alunos, totalizando 52 participantes. Na terceira e quarta Oficinas, contamos com a participação de 15 adolescentes do ensino médio, em cada uma, de uma escola da rede pública. Foram abordadas as temáticas dos efeitos adversos

e o limite e suas formas de colocação para o uso das TICs.

Na busca pela construção de um conhecimento *emancipação* segundo Santos (2000), adotamos a roda de conversa solicitando que os participantes narrassem, de forma interativa, as próprias vivências no enfretamento dos efeitos adversos e da colocação de limites para uso abusivo das TICs. Cada Oficina foi conduzida pelo coordenador do projeto e por um universitário bolsista com a função de gravar em áudio e transcrevê-la.

Para a realização do projeto, utilizamos a narrativa como técnica. Convidamos os participantes a falar sobre o uso das Tecnologias Computacionais. Cientes do caráter paradoxal da narrativa, buscamos, por meio das falas, tornar presente aquilo que não estava presente, fazendo dessa presença uma não presença.

Anotações foram realizadas por uma bolsista treinada para atuar como observadora nas Oficinas, gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas.

4. Desenvolvimento das oficinas

4.1 Os efeitos adversos: a posição de pais e professores

Em 2013, quando realizamos a primeira Oficina "Efeitos adversos das TICs", percebemos que havia grande necessidade da população em querer discutir a temática. Várias foram as solicitações de entrevistas para jornais, televisões, rádios, tão logo começamos a divulgação. Com formulações diversificadas, as perguntas do público tinham três focos: o primeiro, fórmulas para impedir o uso abusivo de celular, smartphone, tablet, netbook, notebook, desktop e outros *gadgets* computacionais que estariam causando doenças. O segundo, se tudo não passaria de um alarde, como aconteceu com a televisão e seus supostos malefícios às crianças da década de 1960. O terceiro, a disponibilização abusiva das Tecnologias Computacionais seria fruto do consumismo de *gadgets*, marca das transformações operadas no capitalismo desde as últimas três décadas do século passado (HARVEY, 1992; OFFE, 1995; GUATTARI, 2000).

Na Oficina, foi colocada a seguinte pergunta: "Na sua infância e ou adolescência, qual o maior temor dos seus pais?" O curto silêncio, seguido de falas entremeadas, eram as marcas da angústia na busca de um espaço para a sua expressão. A pergunta foi trabalhada em pequenos grupos e, em seguida, apresentada em uma plenária, que desencadeou uma discussão sobre algumas questões que dizem respeito aos anseios dos pais quanto ao uso das diferentes tecnologias pelos filhos. O segundo momento, denominado "Causos da Era Digital", compreendia a narração de duas situações-problema, envolvendo o uso de tecnologias, uma para cada subgrupo.

"Uma menina, filha única, ficava em casa com a babá enquanto os pais saíam para trabalhar. Dentre suas brincadeiras e atividades diárias, estava o uso do computador com acesso à internet. Para a criança, o computador era mais do que um equipamento conectado em rede. Ele representava uma caixa de brinquedos onde ela tinha acesso a uma infinidade de recursos, inclusive de sítios na internet. Um dia, ao chegar do trabalho, a mãe recorreu ao computador para fazer uma pesquisa corriqueira e aproveitou para verificar o histórico de navegação. De repente, vê escrita a expressão – 'homem pelado'. Grande fora seu susto. A mãe, imediatamente, conclui que a pesquisa foi realizada pela filha de 6 anos". A coordenadora da Oficina concluiu assim o "causo um".

O que você faria se estivesse no lugar dessa mãe? Como reagiria diante da filha? Que conclusões ia tirar? Quais os riscos e os benefícios a liberdade de busca na internet pode proporcionar? Foi com base nesses questionamentos que se iniciou toda uma polêmica.

A segunda narrativa contemplava a organização do tempo e o estabelecimento de limites para uso de tecnologias. "Um garoto foi hospitalizado após jogar Xbox 360 por quatro dias seguidos. O adolescente de 15 anos sofreu desmaios e foi internado com sinais de severa desidratação. A sua mãe

comentou que ele estava trancado no quarto havia quatro ou cinco dias, apenas saindo de lá rapidamente para comer algo ou tomar banho. Ao final da maratona, quando foram visitar a tia, o garoto desmaiou três vezes. A mãe, assustada, repetia em prantos: 'Meu filho vai morrer'. Naquela mesma semana, a família decidiu desfazer do videogame. Amedrontado, o adolescente não reclamou do castigo, achou justo perder o equipamento".

As discussões do Grupo 2 foram baseadas nas seguintes questões: Como você reagiria? Quais estratégias utilizaria? Após as discussões, foi realizada uma plenária.

O Grupo 1 apresentou como estratégia a necessidade de uma participação mais ativa da família; o estabelecimento de uma relação de confiança; maior atenção, a fim de identificar mudanças de comportamento da criança; o controle sobre o uso da tecnologia durante a ausência dos pais e informar à criança acerca dos perigos da internet.

A observação e o acompanhamento por parte dos pais no uso da tecnologia foram apontados como condições *sine qua non*. A atenção para as consequências psíquicas, fisiológicas e sociais do uso diário dos jogos eletrônicos foi apontada como medida preventiva à dependência tecnológica. A internet foi assinalada como um "conforto" para os pais, à medida que mantém o filho dentro de casa, ainda que comprometa as relações no ambiente familiar.

Na plenária, os participantes concluíram que as TICs são ferramentas facilitadoras dentro e fora das escolas. Muitos profissionais da educação, principalmente professores, recusam essas novas tecnologias como um instrumento transformador na sua prática pedagógica. Outros as consideram imprescindíveis para diversão, fazer amizades, trabalhar e cuidar da saúde, até mesmo para mudar a forma como trabalhamos ou pensamos, tornando o modo de viver mais fácil e prático.

As novas tecnologias requerem uma capacitação para aquele que vai utilizá-las, a fim de resgatar os benefícios para o aprendizado do usuário. Ressaltaram ainda a "infância globalizada" como parte da cultura cibernética, fruto de recursos multimidiáticos. Essa Ciberinfância, de acordo com Dornelles (2005), constitui o mundo daqueles que estão conectados à esfera dos computadores, da internet, dos *games*, do *mouse*, do controle remoto, dos *joysticks*, do *zapping*.

Tal infância afetada pelas novas tecnologias, de modo geral, foi vista, particularmente pelas famílias, como perigosa, uma vez que escapa ao controle. A criança, diante de uma tela, fica sem piscar, perde a criatividade, o poder de imaginar e, consequentemente, perde a linguagem, ou seja, a criança fala cada vez menos, já que, se falar, se desconcentra e perde o jogo. Nesse caso, a linguagem visual compete agressivamente com a expressão linguística, vencendo a disputa, em detrimento da riqueza verbal, corporal, gestual e escrita (LEVIN, 2007).

4.2 Os efeitos adversos: os nativos digitais

Com idade variando entre 15 e 18 anos, os participantes das Oficinas realizadas em uma instituição tradicional do ensino médio, localizada no centro da capital, entravam na sala usando mochilas e portando celular. Nascidos e criados em plena era dos *games* e da internet móvel, esses alunos logo perguntaram se era para falar sobre o uso de celular em sala de aula. A questão já deixava transparecer o maior problema na relação entre os professores e a direção da escola; explicados os objetivos daquele encontro e a sua livre participação. Indagados sobre tal situação, foram unânimes em responder que podiam prestar atenção às explicações sobre o funcionamento da Oficina, bem como ler as mensagens do aparelho.

Solicitados a falar sobre o uso de celular durante as aulas, reclamaram, convictamente, sobre o abuso de alguns professores em tomar o aparelho durante as aulas. A indignação maior apareceu ao narraram a atitude de um professor que recolhe os celulares e apenas os devolve para os pais ou os responsáveis. Não faltaram explicações sobre a inadequação do ato, pois se trata de uma apropriação ilegal de um bem bastante útil para comunicar com

a família, em caso de atraso para chegar em casa. Na opinião de outros, o professor não tem esse direito, uma vez que alguns utilizam celular durante as aulas.

Celular, smartphone e tablet são usados fora de casa para comunicação nas redes sociais por meio do Facebook e do WhatsApp. Os computadores que oferecem maiores recursos tecnológicos têm preferência, particularmente, quando se trata de videogame. Isso acontece em casa, à noite – o que inclui a madrugada. As opiniões se dividem quando um participante descreve o quanto o celular no ambiente escolar pode ser prejudicial.

Nas Oficinas, que contaram com a participação dos adolescentes do ensino médio, um jovem argumentou que atualmente se prende tanto ao celular que ele não consegue ficar sem esse aparelho nas mãos ou mantê-lo fora da sua visão. Fica sempre conferindo se o aparelho está ali, até mesmo enquanto dorme, pois tem colegas que acordam para verificar se o celular está carregado, se recebeu alguma mensagem. Tão preso fica, que se torna dependente. Esquecem que tem relação social, amigos, parentes e até namorada. O celular deixa o usuário com um baita problema nas mãos, sempre à mão, ao seu alcance. No fim, acaba deixando a pessoa com a cabeça cansada. A audição, às vezes, fica ruim, cansada também. Colocado em discussão, a agitação foi geral entre os que concordavam e os discordantes.

"Concordo e discordo ao mesmo tempo, fico até confuso. Tudo que você faz muitas vezes, sempre a mesma coisa, até sem querer, é alienação, como o professor de Filosofia falou". (Aluno 4).

"Na verdade, o problema é fazer isso durante muito tempo. Antigamente, eu praticava esporte. Quando comecei a ficar muito tempo no computador, quase sempre jogando, virei sedentário. Eu era magro, para você ter uma ideia (risos...). É sério, eu era magro; cada vez mais, só mexendo no computador e só engordando. Tenho que parar de jogar e de engordar, mas é difícil, você entende? Minha rotina é acordar por volta das 11 horas; quase sempre durmo por volta das 5 horas, não tenho sono. É insônia brava. Vou para o computador, nem tomar café eu tomo, almoço rápido, vou para a aula, volto e vou mexer no computador. Eu faço isso o dia inteiro, todos os dias". (Aluno 6)

A dependência de internet ou *internet addiction* vem sendo pesquisada ao longo dos anos, em busca de dados seguros e de um diagnóstico ideal para a classificação dos dependentes ou não da internet. Essa dependência vem preocupando os pesquisadores por se tratar de uma atividade comum à maioria das pessoas atualmente, e qualquer usuário pode estar sujeito a perder o controle e se tornar um dependente (YOUNG, 2011). O termo net addiction já era usado há quase 20 anos para designar pessoas que fazem uso abusivo da rede mundial de computadores. Já naquela época, para a citada autora, a dependência tecnológica ocorreria entre aqueles que fazem uso, em média, de 38 horas semanais, isto é, de quatro a 10 horas por dia, elevando para 10 a 14 horas nos fins de semana.

Em outro depoimento, ouvimos: "É real. Tudo isso não apenas vem acontecendo, mas o que dá mais medo é ver que essa situação de dependência está aumentando. Mas também não podemos achar que todo mundo que usa muito ficará viciado. Eu tenho computador em meu quarto. Comecei a ficar só no computador, mas isso não altera nada em mim. Cada caso é um caso, entendeu? Quando percebi o que estava acontecendo, eu coloquei um limite. Eu via que isso faria mal para a saúde. Computador é uma coisa muito boa e muito ruim. Preguiça e conflito são considerados as piores coisas que podem acontecer na relação com o celular. Fazer os trabalhos da escola ou ficar ouvindo música, jogando, conversando com os amigos no WhatsApp? Isso começou quando eu ganhei o celular. Minha mãe nunca foi de colocar limite. Ficava martelando na minha cabeça – não vou mexer no celular, eu estou bem na escola. Olhava para ele e para o caderno, aí te dá aquela preguiça. Não é cansaço, é preguiça mesmo. Para mexer no celular ou no *tablet*, eu não sinto preguiça. Não é uma questão de dependência; o prazer de jogar é maior que o de estudar. Eles

estão crescendo com a tecnologia, não estão querendo fazer um esporte em si, preferem jogos virtuais. Assim, ficam 'presos' naquele mundinho do apartamento". (Aluno 7)

Percebe-se que os alunos não conseguem ficar muito tempo sem estar conectados. Ao ser questionada sobre passar muito tempo conectada, a maioria afirmou que acarretou vários problemas emocionais e físicos, como ansiedade, insônia, sedentarismo, perda de compromissos, perda de contato entre familiares e amigos, dentre outros. O abuso do tempo *on-line* foi confirmado pela maioria dos alunos, tendo em vista os problemas acima relatados e também a necessidade de estarem constantemente conectados.

5. Estratégias para lidar com as Tecnologias Computacionais

Com base nas narrativas sobre as situações críticas construídas no cotidiano para lidar com a relação sujeito – TICs –, professores e pais de alunos configuram uma matriz coletiva. "Ações necessárias", "Estratégias de enfrentamento" e "Resultados esperados" constituíram uma forma de organizar e sintetizar os depoimentos na tentativa de alcançar uma maneira efetiva para lidar com a problemática, conforme o quadro abaixo:

6. Considerações Finais

As TICs representam na contemporaneidade muito mais do que possibilidade de comunicação, visibilidade e interação social. Elas carregam simbolicamente a conquista do "poder" na sociedade atual. Entretanto, essas tecnologias que trazem inúmeros benefícios são capazes também de proporcionar alienação, consumismo e adoecimento. No momento em que a comunicação por meio do suporte tecnológico se tornou acessível e as telas invadiram os ambientes de convívio familiar ou institucional, tornou-se necessário reorganizar os processos de trabalho e a forma de lidar com o mundo.

Não existe uma receita ou uma resposta pronta para trabalhar com as transformações na convivência humana operadas pelas tecnologias. Há, porém, um grande desafio a ser enfrentado conforme avaliação dos participantes da Oficina para a minimização do sofrimento e do adoecimento, bem como da construção de formas de relacionamento mediadas pelas Tecnologias Computacionais.

As novas estratégias de ensino devem ser implantadas, mediadas pelas TICs, ampliando a relação de ensino-aprendizagem, diminuindo barreiras de tempo e espaço e extrapolando a sala de aula física

Quadro I: Ações, estratégias e resultados. Belo Horizonte, 2016.

Ações, estratégias e resultados		
Ações	**Estratégias**	**Resultados esperados**
a) Racionalizar o uso das TICs na vida escolar. b) Reduzir o tempo de exposição diante da tela. c) Ampliar a sala de aula para além das quatro paredes. d) Humanizar a sala de aula. e) Instrumentalizar a família para lidar com o uso abusivo das TICs. f) Definir regras quanto ao uso das Tecnologias Computacionais.	a) Reflexão com os alunos sobre a real pertinência do uso de Tecnologias Computacionais; criação de outras estratégias, inserção de elementos artísticos relacionados ao conteúdo – músicas, imagens, técnicas corporais, textos. b) Didáticas de interação, revitalização dos suportes existentes e criação de outros suportes. c) Incentivo de atividades extrassala. d) Acolhimento e encaminhamento do aluno com base em suas necessidades. e) Capacitação dos educadores para tal; criação de ambientes virtuais para contatos com a família. f) Negociação entre professores, alunos e pais quanto ao uso das TICs.	a) Maximização do diálogo e da participação; promoção da interatividade e da sensibilidade artísticas. b) Vislumbre de novas tendências e possibilidades de ensino-aprendizagem. c) Implementação de uma escola sem muros. d) Criação de espaços para a manifestação do sofrimento e da escuta diferenciada; melhoria das relações professor-aluno. e) Aumento do apoio familiar; construção de estratégias coletivas. f) Implementação de acordos.

Fonte: elaborado pelos autores

e convencional. O uso da tecnologia deve exercer influência positiva, mas, para isso, é necessário aprofundar-se nos estudos direcionados para uma reformulação da metodologia de ensino, a fim de que atenda à nova realidade educacional.

7. Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Coleção TRANS. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995. 94 p.

DORNELLES, L. V. **Infâncias que nos escapam**: da criança na rua à criança cyber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2000.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança social. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1992. 34 9p.

LEVIN, E. **Rumo a uma infância virtual?** A imagem corporal sem corpo. Trad. Ricardo Rosenbush. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LEVY, T. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault, Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

OFFE, C. **Capitalismo desorganizado**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PAIM, J. **Desafios para a saúde coletiva no século XXI**. Salvador: EDUFBA, 2006.

PELBART, P. **Da clausura do fora ao fora da clausura:** Loucura e Desrazão. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RORTY, R. **Objetivismo, relativismo e verdade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

VIRILIO, P. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

YOUNG, K. *et al*. **Dependência de internet**. Porto Alegre: Artmed, 2011.